

# “DIFERENTES MODOS DE COMPREENSÃO DA SUBJETIVIDADE” A COMPREENSÃO DA SUBJETIVIDADE EM KIERKEGAARD

**Myriam Moreira Protasio**

Especialista em Psicologia Clínica, professora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro e Especialista em Psicologia Clínica, professora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro e Psicoterapeuta.

Soren Kierkegaard, filósofo dinamarquês que viveu na primeira metade do século XIX, desenvolve acerca da subjetividade humana, o “eu”, em seu livro *Desespero Humano Doença até à morte*, publicado em 30 de julho de 1849, sob o pseudônimo de Anti-Clímacus.

Escreve, à pag. 33: “O homem é espírito. Mas o que é espírito? É o eu. O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade.” E resume: “ O eu não é a relação em si, mas o seu voltar-se sobre si própria.”

Ao apresentar o eu como uma relação, Kierkegaard desenvolve que “sob este ponto de vista o eu não existe ainda”, pois se constitui como uma relação de dois termos e dá-se, então, como uma síntese: “O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é em suma uma síntese”.

O eu é devir, e como tal é somente o que será, realizando-se, no entanto, concretamente, numa síntese vivida no instante. Deve tornar-se este eu paradoxal que ele próprio é. Existindo continuamente na não-existência, ou seja, não sendo ainda, o eu é desespero. O desespero está ligado a este caráter provisório e paradoxal da existência.

Tornar-se si-próprio, um único meio a multidão, um único diante do mundo, de Deus e de si mesmo. Eis o desespero. Assim sendo, não há como não ser desesperado, ou seja, como existir fora do desespero. Afirma Kierkegaard: “A todo momento apanhamos o desespero”.

O desespero pode tomar várias formas: Um homem pode aparentar não ser desesperado, ter uma existência despreocupada, calma e tranqüila. Leva a vida do espontâneo, do inocente desconhecendo, no entanto, o sentido de sua existência como relação paradoxal que deve realizar-se no devir.

Um outro pode ter uma vontade desesperada de ser si-próprio. Mas “querer-se-si-próprio já não é deixar de sê-lo?”, questiona Kierkegaard. O eu só pode estabelecer-se existindo como relação com outrem, com o que o transcende. Querer desesperadamente ser-si-próprio é não se reconhecer como contingência, como relação, como incapaz de, pelas suas próprias forças, estabelecer-se. Na ânsia por resolver o paradoxo, por encontrar uma solução

para sua situação, o homem ilude-se e entrega-se ao fazer desesperado, ao controle extremo do fluxo dos acontecimentos, tomando-se como único agente de seu destino.

Pode, ainda, não querendo ser si-próprio, tentar com todas as forças desembaraçar-se deste eu que é. O que está implicado neste não querer ser-si-próprio é a incapacidade de suportar o fato de não poder desembaraçar-se do seu eu. Quer ser o eu de sua própria invenção. Kierkegaard cita alguém que, desesperadamente, quer ser César. Seu desespero está ligado à frustração de não ser este eu que inventou para si, César. “É por não se ter tornado César que ele já não suporta ser ele próprio”. Para tal homem só existe uma possibilidade, ser o homem de sua invenção. Não o podendo ser, este homem quer desembarcar-se de si próprio, lançando fogo sobre o eu que propriamente é: uma relação paradoxal, desespero.

Podemos compreender melhor esta forma de desespero se pensarmos nas muitas queixas que ouvimos em nossos consultórios, onde a tendência é responsabilizar os outros por suas não-realizações, não se apercebendo como agente de realização do eu que ele mesmo é. Este desesperado perde-se em detalhes, em lamentações, em acusações que justificam a infelicidade de sua situação.

Compreender-se e aceitar-se como uma existência desesperada é confrontar-se com sua contingência: existência paradoxal, provisória, sempre fixada em termos distintos. Somente refletindo acerca desta sua situação o eu pode estabelecer-se como uma relação pacífica entre termos conflitantes.

Considerando o eu como uma derivação da relação que se estabelece consigo mesmo e com outrem (os outros, o mundo, em última instância, com Deus) a situação do homem é existir como uma síntese entre finito e infinito, temporal e eterno, liberdade e necessidade. Na ânsia de sair deste paradoxo, de resolvê-lo, não suportando a precariedade de sua existência, o eu pode pender para um ou outro extremo, perdendo-se.

No paradoxo de finito e infinito está em questão o tornar-se si-próprio no contra-censo de uma existência idealizada contra a existência concreta, realizada. O finito (concreto) delimita a existência, dá o limite das possibilidades, e o infinito (ideal) ilimita o homem, abre-o

para todas as possibilidades.

Perder-se no infinito é perder-se no imaginário, único espaço onde as possibilidades do homem são ilimitadas. No imaginário o homem nunca adoece, pode adquirir todos os conhecimentos, amar todas as mulheres, adquirir todos os bens, progredir sempre, realizar-se como César ou como Jesus. Uma existência assim, onde o querer, o conhecer e o sentir estão perdidos no imaginário, corre o risco de neles se perder, de se deixar levar por eles ou mesmo de, numa atitude de desistência, abandonar-se, levando uma vida abstrata e cada vez mais distante de si mesma.

No entanto, o infinito amplia os possíveis, e o homem pode vislumbrar novas possibilidades para si no real de sua existência. É graças à capacidade de reflexão que o homem pode, em desespero, voltar-se para sua situação e dar-se conta da distância entre o eu que ele imagina estar construindo ou que se pensa ser e o eu concreto que realiza em seu cotidiano, responsabilizando-se pelo eu de sua construção.

Perder-se no finito é viver na estreiteza, perder-se em detalhes pouco importantes, deixar-se levar pelos ditames do todo mundo, do geral, encher-se de ocupações diárias, buscar explicar e apreender os rumos do mundo, e nesta forma de existir esquecer-se de si mesmo, do eu que é sua única responsabilidade. “Acha demasiado ousado sê-lo e muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho.”(p. 67). Aos olhos do mundo este é um homem perfeito, adaptado ao seu tempo. Sábio é o que não se arrisca, diz-se, que não corre o risco de perder-se. Mas que ilusão, pois o que perde é precisamente seu bem mais precioso, pois perde a si próprio. Numa atitude fatalista, esse existente acredita não poder fazer nada por si mesmo.

Contra a existência perdida no infinito do imaginário o antídoto é a consciência dos seus limites, pois o finito delimita, proporciona a justa medida na existência concreta. Mais uma vez é na reflexão e na seriedade com que um homem compromete-se com seu próprio destino que se faz possível existir concretamente esta relação que ele mesmo é diante de si, de outrem e de Deus.

No Desespero, considerado na dupla categoria do possível e do necessário, está em questão a liberdade do eu, capaz de se transformar apesar de sua condição. Afirma Kierkegaard: “o eu é necessário, porque é ele próprio, e possível, porque deve realizar-se.” (op. Cit. P. 70)

Na situação em que falta ao eu consciência de seus necessários, o eu corre o risco de perder-se em possíveis, os quais lhe vêm sob forma de desejo, de melancolia por perseguir um caminho, ou mesmo esperança de vir a ser algo que não é. Este eu dispersa-se ante as várias possibilidades disponíveis no mundo. O que falta a este eu é força para submeter-se a seus necessários, suas fronteiras. Falta-lhe

consciência deste eu, determinado e preciso, que ele mesmo é.

Há ainda a situação do eu que se desespera de suas necessidades, desconhecendo possíveis para si, desenhando uma existência presa a determinadas condições que ele mesmo impõe, na ilusão de que assim agindo as coisas sairão ao seu contento. No temor do inusitado (o determinista), na crença de que nada de bom pode lhe acontecer (o fatalista), ou, ainda, preso à falta de esperança, este eu vive um mundo sem imaginação, contando apenas consigo próprio e com as condições que impõe. Só o possível o pode salvar...

Fechado em seus necessários, ou perdido em possíveis, ao eu falta, para uma existência sadia, o reconhecimento de seus limites, mas também a coragem de arriscar-se, ampliando seus limites nos possíveis.

Kierkegaard desenvolve, ainda, acerca da consciência ou inconsciência do eu em relação a sua situação de temporal, considerando o paradoxo do temporal e do eterno.

Na situação em que o eu está inconsciente de sua situação de temporal, acreditando-se eterno, não refletindo sobre si próprio e sua situação, constrói sua existência sob as categorias do instante, do sensual e do todo mundo. Pode, ao olhar do mundo, parecer um homem feliz e completo, devido a ausência de qualquer angústia ou ambigüidade. Uma vez que ignora o conseqüente, seu sentimento é de eternidade, o momento, o vivido no instante, jamais terá fim. Afirma Kierkegaard à p. 85: “É quando o desesperado está melhor e melhor se sente, e dá a impressão de uma saúde fluorescente que o mal é mais agudo.” O que este desesperado ignora é sua condição de relação, fundando sua existência numa abstração.

Mas há, ainda, a possibilidade do eu tomar consciência de sua situação de existente, de paradoxal, existindo na dupla categoria do temporal e do eterno.

Kierkegaard denomina desespero franqueza, ou desespero feminino, ao eu que, desconhecendo-se eterno, leva uma existência enclausurada aos imperativos que vêm do mundo. Consciente de sua temporalidade, temendo o devir, este eu coloca-se refém das circunstâncias (tristeza, crise financeira, frustração, infelicidade), fechando-se no imediato que, ilude-se, pode manter sob seu controle. Leva uma vida exterior, só reconhecendo-se como fato que se mostra exteriormente.

Este eu carece de interioridade para poder arrepende-se de seus caminhos, arriscar-se em novos caminhos mais próximos de suas próprias expectativas. Vive sob o signo do espontâneo, da não reflexão. Comenta Kierkegaard a respeito deste homem: Uma fatalidade e este eu diz-se desesperado, mas eis que volta a calma e aí está ele novamente espontâneo. Não aprende nada da existência, imita os outros, vive como eles. Pode seguir sua vida pautada

no dever, seguindo os ditames das regras sem qualquer reflexão. Ou ainda, fechando-se em si mesmo, tornar-se hermético, levando uma vida desesperada em segredo. Ou ainda, temendo o futuro, viver refém do presente já conhecido.

Denominará desespero desafio, ou desespero masculino, ao eu que, desconhecendo sua condição de temporal, limitado pela morte, leva uma vida `como se fosse eterno`: - nada me acontecerá. Sente-se infinito, vivendo como um eu de sua própria invenção. Ignorando o devir este eu carece também de reflexão e de seriedade, não sendo mais que um fazedor de experiências. Diz Kierkegaard, à p. 119: “recusando-se a aceitar o seu eu, este eu que lhe coube em sorte, persiste em construir ele próprio o seu eu.” Este eu desespera-se contra o eterno, não quer aceitar consolo da eternidade, a menos que seja o que quer e como quer. Não aceitando a sua condição de temporal, quer impor ele próprio as condições.

O que queremos colocar em questão, com tudo o que foi dito até agora, é a situação do eu, que lançado numa existência paradoxal, imprevisível, deve assumir com seriedade sua liberdade e responsabilidade por sua própria existência, perante si mesmo, perante aqueles com quem compartilha a existência, e perante Deus. Kierkegaard convida o eu, o homem, para uma existência transparente. Afirma: “Orientando-se para si próprio, querendo se ele próprio, o eu mergulha através de sua transparência até o poder que o criou.”

Mergulhar em sua transparência é, em seriedade, refletir sobre o sentido imposto à existência pela repetição cotidiana. A existência sábia dá-se quando o eu, sabendo-se paradoxal “decide” por si próprio, perante si, ao mundo e a Deus. Este eu sai da ilusão pelo movimento de transparecer-se a si mesmo. Realiza-se como indivíduo, contrapondo-se ao todo mundo, á multidão, singularizando-se, criando a si próprio.

#### **Referências Bibliográfica:**

KIERKEGAARD, Sören. Desespero Humano, a doença mortal. Porto, Livraria Tavares Martins, 1961/1936.

\_\_\_\_\_. Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor. Lisboa, Edições 70, 1986.